



DANCEMOS TODOS: PROCESSO DE COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA COLETIVA

LET'S ALL DANCE: COLLECTIVE CHOREOGRAPHIC COMPOSITION PROCESS

Mariana Cintra Limede¹

Secretaria Municipal de Educação de Araçatuba/SP

Resumo: Este relato de experiência apresenta o processo de criação coreográfica coletiva desenvolvido com estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Araçatuba. A iniciativa partiu da oportunidade de apresentar uma dança na Festa da Família da escola e teve como propósito investigar a composição coreográfica como experiência estética e formativa. Inspirado nas reflexões de Ana Mae Barbosa e Isabel Marques, o projeto valorizou a arte na escola não apenas como fruição, mas como prática criadora e de produção de conhecimento. A proposta foi estruturada a partir da técnica Klauss Vianna, especialmente no estágio lúdico descrito por Jussara Miller, envolvendo improvisações e experimentações corporais. Os estudantes atuaram como intérpretes-criadores, organizando pequenas células coreográficas que, por meio de escuta musical, apreciação e discussão coletiva, foram reorganizadas até compor a coreografia final. O processo, desenvolvido ao longo de dez semanas e vinte horas de aulas de arte, mobilizou a autonomia e a colaboração dos participantes. Concluída a criação, os próprios alunos ficaram responsáveis por ensinar a coreografia às turmas do 5º ano, com acompanhamento das professoras polivalentes. A culminância ocorreu na apresentação durante a Festa da Família, seguida de uma roda de conversa. Os estudantes destacaram o orgulho e a segurança em apresentar uma obra autoral, o que fortaleceu sua autoestima, expressividade e protagonismo criativo.

Palavras-chave: arte-educação; dança; processo criativo; composição coreográfica.

Abstract: This experiential report presents the collective choreographic creation process developed with 4th-grade students from the Municipal School System of Araçatuba. The initiative arose from the opportunity to present a dance at the school's Family Festival, aiming to investigate choreographic composition as both an aesthetic and formative experience. Inspired by the reflections of Ana Mae Barbosa and Isabel Marques, the project emphasized the role of art in schools not only as a form of enjoyment but also as a creative practice and a means of knowledge production. The proposal was structured around Klauss Vianna's technique, particularly the playful stage described by Jussara Miller, involving improvisation and bodily experimentation. The students acted as performer-creators, organizing small choreographic cells which, through musical listening, appreciation, and collective discussion, were reorganized until the final choreography was formed. The process, developed over ten weeks and twenty hours of art classes, mobilized the autonomy and collaboration of the participants. Upon completing the creation, the students themselves were responsible for teaching the choreography to the 5th-grade classes, with support from the homeroom teachers. The culmination took place during the Family Festival presentation, followed by a

¹ Graduada em Arte/Dança pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pós graduada em gestão e docência no Ensino Superior. Arte-educadora no Ensino Fundamental (anos iniciais) na Secretaria Municipal de Educação em Araçatuba, SP. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3313495525847346>.



roundtable discussion. The students highlighted their pride and confidence in presenting an original piece, which strengthened their self-esteem, expressiveness, and creative agency.

Keywords: art education; dance; creative process; choreographic composition.

1 INTRODUÇÃO

A prática de apresentar danças com estudantes em festas escolares está presente em diversas festividades como festas juninas, dia dos pais e das mães, dia da família e formaturas. Entretanto, apesar de comuns e frequentes, grande parte das apresentações são fruto da cópia de movimentos criados por adultos, visando a reprodução do gesto que, muitas vezes, não tem significado para os estudantes e não permite sua atuação também como criadores.

Este relato de experiência descreve o processo de criação coletiva em dança com o objetivo de construir conhecimentos e ampliar a percepção dos estudantes sobre duas capacidades criativas no componente curricular da Arte, especialmente na comunicação corporal através da dança.

A prática da repetição de coreografias e movimentos preestabelecidos, ainda que amplamente difundida, não se caracteriza por um processo de verdadeira criação e reflexão, deixando pouco espaço para que os alunos se reconheçam como sujeitos criadores e refletivos de suas próprias produções. Segundo Isabel Marques (2003), “Ao contrário do que nos dita o senso comum, as aulas de dança podem ser verdadeiras prisões dos sentidos, das ideias, dos prazeres, da percepção e das relações que podemos traçar com o mundo”. Em contrapartida, experiências que proporcionam momentos de reflexão, experimentação e criação colocam o estudante no centro do processo de ensino aprendizagem, atuando como protagonista não só da composição coreográfica, mas também de sua formação.

O quadro de apropriação passiva da dança e da composição coreográfica na escola pode ser analisado à luz das teorias pedagógicas que enfatizam a autonomia, a criatividade e a construção do conhecimento. Paulo Freire (1998), em sua obra pedagógica, defende uma educação dialógica e problematizadora, que reconhece o educando como sujeito ativo e participante no processo de aprendizagem. Ele propõe uma educação libertadora, onde o ato de aprender não se resume à simples



transmissão de conteúdo, mas ao desenvolvimento da capacidade crítica do estudante. A dança, nesse contexto, pode ser compreendida como uma linguagem viva e dinâmica, que se insere no processo de conscientização e transformação dos indivíduos e das comunidades.

Klauss Vianna (2005) e Jussara Miller (2007), através do estudo do movimento em seus diversos contextos, propõem uma reflexão sobre as múltiplas formas de vivência do movimento, onde a dança não se limita à performance ou à encenação, mas se apresenta como uma linguagem capaz de criar novas possibilidades de expressão e de relações com o mundo. A escolha de um processo coletivo a partir da consciência corporal e improvisação de células coreográficas, deu-se em consonância com os princípios da técnica Klauss Vianna que, segundo Miller (2007), “pressupõe que, antes de aprender a dançar, é necessário que se tenha a consciência do corpo, de como ele é, como funciona, quais suas limitações e possibilidades, para, com base nessa consciência, a dança acontecer.” Portanto, para Vianna e Miller (2007), a composição coreográfica deve ser um processo colaborativo e coletivo, onde os alunos, ao se apropriarem do movimento, também se tornam sujeitos de sua própria formação.

Isabel Marques (2003), por sua vez, enfatiza a importância de uma pedagogia que considere a dança como forma de expressão estética e cultural, relacionada às experiências do cotidiano dos estudantes. Para ela, a dança na educação básica deve ser um espaço de construção e compartilhamento de significados, onde os estudantes se veem como sujeitos ativos na criação e na vivência dos movimentos. Em sua visão, a prática da dança deve proporcionar aos estudantes uma relação mais profunda com sua própria corporalidade, bem como com a diversidade cultural e as linguagens artísticas presentes em seu entorno. A pedagogia da dança, para Marques (2012), vai além da técnica e da execução de passos, e se torna uma prática de educação crítica, que envolve a construção de sentidos e de pertencimento.

Assim, a dança e a composição coreográfica, quando pensadas como práticas pedagógicas de fato transformadoras, devem romper com a lógica de reprodução mecanizada e oferecer aos estudantes a possibilidade de atuar como criadores e críticos de sua própria linguagem corporal. As teorias de Freire (1998), Marques

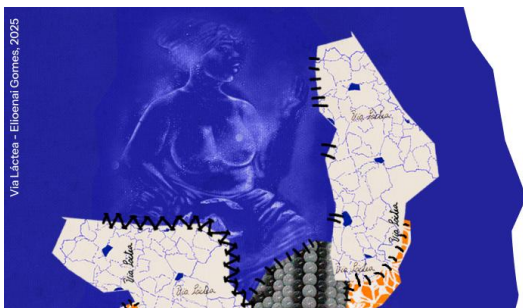


(2003), Miller (2007) e Vianna (2005) fornecem um caminho para que a dança na escola se torne uma verdadeira ferramenta de construção de conhecimento, de desenvolvimento pessoal e de formação cidadã, contribuindo para uma educação que vai além da mera transmissão de conteúdos, mas que promove a reflexão, a criatividade e a expressão do sujeito em sua totalidade.

2 DESENVOLVIMENTO

A partir do projeto de uma Festa da Família onde as turmas da escola se organizaram para apresentar danças diversas à comunidade, a professora polivalente de uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental me convidou para “ensinar uma coreografia e ensaiar” sua turma. Diante do convite, afirmei que poderia contribuir mediando um processo coletivo de criação onde os estudantes pudessem criar uma coreografia autoral para a festa. Ao escutarem o diálogo, a turma chegou para a aula de Arte com muitas ideias para apresentação. No início, alguns estudantes apresentaram receio de não conseguirem criar algo que, segundo eles, pudesse ser bom o suficiente para apresentar a todas as pessoas presentes no evento. Essa postura pode ser justificada, segundo Isabel Marques, por práticas pedagógicas que não exploram essas potencialidades. Em suas palavras, “Propostas com dança que trabalhem seus aspectos criativos, portanto imprevisíveis e indeterminados, ainda ‘assustam’ aqueles que aprenderam e são regidos pela didática tradicional.” (MARQUES, 2003). Entretanto, outra parte da turma defendeu que eles poderiam dar continuidade às células coreográficas que foram criadas nas aulas de arte e que, com mais tempo e estudo, poderiam chegar ao objetivo pretendido. Após um diálogo com toda a turma, chegamos à conclusão que a tentativa seria válida.

Nas aulas seguintes, iniciamos lembrando nossos estudos sobre composição coreográfica. Retomamos os exercícios de consciência corporal, deslocamentos no espaço e criação de células coreográficas a partir da improvisação de movimentos com base nos 7 pontos do processo lúdico da técnica Klauss Vianna, descritos por Jussara Miller (2007). Concomitantemente, a turma decidiu, em parceria com a professora polivalente, que escolheriam uma música como elemento disparador

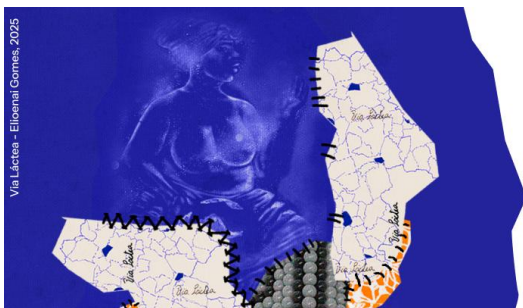


e fizemos um levantamento daquelas que tivessem a primavera como tema, uma vez que a estação do ano também seria o tema da festa. Escolhemos então a música “Canção da primavera”, composta por Márcio Camillo (2015) a partir do poema de Mário de Andrade.

Tendo sempre como referência a intencionalidade, a partir da premissa “Não decore passos, aprenda um caminho”. (VIANNA, 2005), os estudantes se organizaram em grupos para improvisar células coreográficas e, ainda na mesma aula, apresentar suas criações aos demais grupos. Enquanto acontecia o processo de criação, eu circulava pela sala, observando as propostas de cada grupo e mediando situações de conflitos ou respondendo dúvidas dos estudantes. Ao final de cada aula, após a mostra das criações, a turma selecionava os movimentos criados que fariam parte da coreografia, bem como a organização no espaço cênico.

Já nas primeiras aulas, alguns estudantes manifestaram interesse em iniciar a apresentação fora do espaço cênico e sugeriram começar dançando na plateia, entre os familiares e durante a coreografia, se deslocarem até o espaço demarcado para as apresentações. Para a execução dos desenhos cênicos propostos pelos estudantes, minha intervenção foi necessária em alguns momentos para que, observando os posicionamentos durante a execução, pudesse sugerir trajetórias de deslocamentos quando os estudantes não conseguiam encontrar soluções dentro do tempo musical e dos movimentos propostos.

Após a criação da coreografia, iniciou-se o processo de ensaios, que incluiu a turma do 5º ano, que também faria parte da apresentação. Nesse momento, coube aos criadores, explicar para a outra turma suas intenções coreográficas e ensinar toda a coreografia. Nessa etapa, além das aulas de Arte, também foram disponibilizados outros momentos mediados pelas professoras polivalentes responsáveis pela turma. Vale ressaltar que, apesar da presença das docentes, os estudantes do 5º ano reportaram-se quase sempre aos colegas da outra turma, visto que eles se apresentaram como “intérpretes criadores” e demonstraram domínio sobre a sua criação. Cabe ressaltar que, mesmo os estudantes que não iriam à festa por motivos pessoais, participaram de todo o processo, envolvendo-se como sujeitos ativos no processo de ensino aprendizagem.



No dia do evento, enquanto eu ministrava uma oficina de Artes Visuais, parte do grupo me procurou, preocupado pois dois estudantes não estavam presentes na festa e, portanto, não se apresentariam. A ausência prejudicaria os desenhos coreográficos criados pela turma, especialmente nos momentos em que estavam previstos agrupamentos em duplas e trios. Pedi aos estudantes que reunissem toda a turma de intérpretes-criadores e me encontrassem na sala de Arte. Expliquei que, como coreógrafos, eles poderiam refazer a organização de uma forma que os desenhos coreográficos fossem preservados, na medida do possível, como o planejado. Solicitei que, após conversarem e ajustarem com a turma do 5º ano, voltassem a me chamar para que eu pudesse, se preciso, mediar a tomada de decisões e organizar a preparação para a apresentação. Entretanto, as demais apresentações da festa ocorreram mais rápido que o previsto pelo cronograma e os estudantes, focados nas alterações coreográficas, não voltaram a me chamar nem avisaram sobre a mudança de horários. Quando fui encontrá-los para acompanhar o andamento, me deparei com a turma organizada e pronta para a apresentação, já posicionada na quadra da escola. Sem tempo para dialogarmos, assisti à apresentação que emocionou as famílias e a equipe escolar. Finalizada a apresentação, a turma correu ao meu encontro dizendo repetidamente “Nós conseguimos”. Quando perguntei por que não me procuraram, uma das estudantes me respondeu: “Você estava certa. A coreografia é nossa e nós conseguimos ‘arrumar’ sozinhos. Foi um sucesso!”.

A segurança demonstrada pelos estudantes durante a reestruturação da coreografia reforça que a turma estava apropriada de sua criação. Resultado esse do processo descrito por Klauss Vianna (2005) quando, através do conhecimento de processos internos e da oportunidade de criar uma coreografia manifestando-se coletivamente, a turma produziu sua própria dança.

A culminância deu-se, após a apresentação coreográfica no espaço escolar durante a Festa da Família aberta à comunidade, com uma roda de conversa quando todos os participantes puderam compartilhar suas impressões a respeito do processo. Finalizada a festa, na próxima aula de arte, todos os estudantes da turma, bem como a professora polivalente, regente da turma, foram convidados para uma roda de



conversa quando tivemos a oportunidade de trocar impressões a respeito da experiência. Ainda sobre o processo, a professora polivalente gentilmente me escreveu via aplicativo contando sobre a experiência que tivemos com o grupo.

"Sobre o acompanhamento do processo de produção coreográfica do 4º ano B, só posso dizer que foi algo maravilhoso de se ver. Não imaginava que estudantes de 9 anos, bem orientados por uma educadora, pudessem despertar um processo de criação tão bonito com a dança. Os alunos assimilaram os passos da música para cada movimento no processo de dança, e percebi que isso gerou em um dos meus estudantes, que têm dificuldades em Matemática, uma melhor assimilação dos algoritmos, além de promover o espírito de colaboração em equipe. Minha vivência com a Arte da dança é muito limitada, por assim dizer, e eu não sabia que algo tão belo pudesse me auxiliar tanto na sala de aula."

O processo pedagógico, apesar de desafiador, permitiu a ampliação da autonomia, da expressividade e da sensibilidade dos estudantes. Durante suas falas, os participantes ressaltaram que a sensação de dançar uma coreografia criada por eles trouxe outra perspectiva sobre o trabalho, além de segurança durante, não só a apresentação no evento, mas também em suas próprias capacidades de criação. Portanto, o resultado superou nossas expectativas pois, além de uma apresentação, contribuiu também para o protagonismo estudantil, aumentando a autoestima dos indivíduos e sua confiança na criação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de criação coreográfica coletiva, descrito neste relato, demonstrou ser uma abordagem pedagógica eficaz para o ensino de dança na escola, superando a mera reprodução de movimentos e incentivando a autonomia e o protagonismo dos estudantes. Diferente das práticas tradicionais, que muitas vezes limitam o aluno à condição de mero reprodutor de gestos, a experiência aqui descrita evidenciou que a dança pode ser um espaço genuíno de reflexão, criação e empoderamento.

O sucesso da apresentação, e a apropriação dos estudantes de sua produção cênica, como observado no momento de adaptação no dia da festa, reforçam a validade das teorias de Paulo Freire (1998), Isabel Marques (2012), Jussara Miller (2007) e Klauss Vianna (2005). Ao serem convidados a participar ativamente do processo de criação, os alunos não só desenvolveram habilidades motoras e



artísticas, mas também a capacidade de tomar decisões, resolver problemas em grupo e, finalmente, reconhecerem-se como sujeitos criadores.

Apesar de bem-sucedida, a experiência também ressalta a necessidade de mais estudos e de um olhar mais atento para a formação continuada de educadores. A transição de uma abordagem reprodutiva para uma criativa demanda preparo e abertura para o "imprevisível", como apontado por Isabel Marques (2003). O relato de experiência sugere que, como pontuado por Vianna (2005), ao invés de simplesmente ensinar passos, o papel do educador pode ser o de mediar um processo que empodera os estudantes, permitindo que a dança se torne uma ferramenta de desenvolvimento integral, para além do domínio técnico.

Conclui-se, portanto, que a dança, quando abordada como linguagem criadora e dialógica, tem o potencial de ir além da reprodução de gestos para apresentações nas festas escolares. Ela se torna um instrumento de consciência corporal e de formação cidadã, capaz de ressignificar o papel do estudante na escola e na sociedade. Levando em consideração a capacidade criativa e reflexiva dos estudantes, a prática da dança na escola pode superar a mera reprodução mecânica de movimentos e proporcionar a oportunidade de serem agentes criadores, refletindo sobre seus próprios corpos e sobre as representações culturais que esses corpos carregam, proporcionando uma educação capaz de impregnar sentidos suas práticas (Freire, 1998).

REFERÊNCIAS

- CANÇÃO DA PRIMAVERA. Márcio de Camillo e Mário Quintana (compositores). Márcio de Camillo (intérprete). In: *Crianceiras: poesias de Mário Quintana*. Tratore (distribuidora); [S.I.], 2015. 1 CD, faixa 1 (2 min 39 s).
- FREIRE, Paulo, andarilho da utopia. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1998.
- MARQUES, Isabel. *Dançando na escola*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- MARQUES, Isabel. *Oito motivos para ensinar dança na escola*. In: ICLE, Gilberto (org.). *Pedagogia da Arte: entre-lugares da escola*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. Páginas 53 a 68.



MILLER, Jussara. *A escuta do corpo – sistematização da técnica Klauss Vianna*. 2ª Edição. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

VIANNA, Klauss. *A dança*. 3ª Edição. São Paulo: Editora Summus, 2005.